



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Uma crítica ao marxismo tradicional: sobre Ideologia			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Rafael Oliveira dos Santos	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Rio de Janeiro	PPGSS/UERJ	Mestrando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A “elevação da consciência de classe” é uma condição, entre outras, da organização política da classe trabalhadora e da superação da sociedade burguesa, de acordo com as posições correntes no pensamento marxista. Tal condição tem como necessidade, fundamentalmente, a crítica ideológica – por meio da qual, seríamos capazes de identificar as determinações sociais das ideias vigentes e, assim, sabermos que nosso compromisso com elas, sendo-as produto das ações humanas em sociedade, poderia ser ver revisto ou abolido ou reorientado etc. Para tanto, evidentemente, é uma exigência a operação crítica de desvelamento ideológico que repõe à consciência dos indivíduos a realidade enquanto tal, de modo a restituir nestes a possibilidade de atuarem de modo consciente na realidade histórica de modo finalístico e transformador – emancipando-se, portanto. Consideramos, no entanto, que o exame deste debate, do ponto de vista marxiano, pode apontar em outra direção: a inoperância da classe trabalhadora (se quisermos nominar assim o atual momento político e organizativo da luta contra o capital) não é produto da “alienação ideológica”, ou da “alienação da consciência de classe”, da qual seria alvo – dada sua relação com o modo de produção capitalista. O presente trabalho, tendo como ponto de partida a reflexão marxiana, procurará contrastar as posições correntes no interior da tradição socialista, de inspiração materialista e dialética, com abordagens, neste mesmo campo, que propõem uma retomada do debate visando outro registro à prática política daqueles que procuram superar a sociabilidade burguesa.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Ideologia; marxismo; capital			
ABSTRACT			
<p>The "rise of class consciousness" is a condition, among others, the political organization of the working class and the overcoming of bourgeois society, according to the current position in Marxist thought. This condition has the need fundamentally ideological critique - through which we would be able to identify the social determinants of current ideas and thus we know that our commitment to them, being the product of human actions in society, could be see revised or abolished or redirected etc.. To do so, of course, is a critical requirement for the operation that resets the unveiling ideological consciousness of individuals reality as such, so as to restore the possibility of these act consciously in historical reality so finalistic and transformer - to be freed, therefore. We believe, however, that the examination of this debate, the Marxian point of view, may point in another direction: the ineffectiveness of the working class (if we just nominate the current political moment and organization of struggle against capital) is not the product "ideological alienation "or" alienation of class consciousness ", which would target - given his relationship with the capitalist mode of production. This paper, taking as its starting point the Marxist reflection, seek to contrast the current position within the socialist tradition, inspiration and materialist dialectics, approaches, this same field, we propose a retomada other record of the debate in order to practice politics of seeking to overcome the bourgeois sociability.</p>			
KEYWORDS			
Ideology; marxism; capital			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a crítica da filosofia			

I. INTRODUÇÃO

As formulações mais correntes a respeito do tema da Ideologia, no atual debate crítico, inspirado ou mesmo até baseado na tradição teórica fundada por Marx e Engels bem como naquela que daí derivou, talvez pudesse ser resumida sob o seguinte: a “ideologia” pauta e estipula a medida das práticas sociais de modo a ocultar o sentido das mesmas porque está comprometida geneticamente com a conservação da realidade tal qual ela é e tal como aparece. Isto é, as “ideias dominantes” por sua origem histórica e social emergem e se desenvolvem de modo a conferir ao comportamento humano (seja em nível material, seja em nível espiritual), tanto do ponto de vista “coletivo” como “individual”, determinada orientação por força dos interesses dominantes que formam e animam as referidas ideias – cujo fundamento, evidente, de acordo com as coordenadas hegemônicas da teoria social crítica, se localiza no monopólio dos meios de produção e da dinâmica social de *classe contra classe* que daí devêm nos termos da exploração da força de trabalho, cujos contornos (e também produtos) são expressões dos interesses da classe burguesa etc.

O atual estado do debate, em suas coordenadas vigentes, aponta o lugar que, por exemplo, os “meios de comunicação” ocupam na luta de classes contemporânea. Eles são, para este ponto de vista, momentos importantes, por assim dizer, da dominação de classe nesta sociedade por conformar o “imaginário coletivo” de maneira tal que a classe trabalhadora assimila posições de classe incoerentes com sua condição subalterna – veiculadas pelas mídias, tornando os trabalhadores de certo modo consensualmente submetidos à dominação da qual são alvos (encarando como “universais” pontos de vistas absolutamente singulares, pertinentes e necessários aos seus inimigos dentro da luta de classes). Na TV, os telejornais, os programas de entretenimento, os comerciais, assim como o rádio, os jornais e revistas impressos, a indústria fonográfica, além da internet, enfim, são modos de exercício de dominação e controle, como um adestramento de consciências, focados ao interdício e/ ou abrandamento do tencionamento entre classes. Do que, é lógico, se segue que a “alienação” dos trabalhadores, ou seja, o fato de não saberem ou terem domínio sobre determinadas informações para poderem acessar *a verdade que há na realidade* ou, o que dá no mesmo, construir seu próprio ponto de vista (“crítico”), os desabilita a se tornarem sujeitos históricos portadores de um projeto político e societário autônomo e contrasistêmico. A impossibilidade de uma virada na luta de classes dá-se pela ciência a respeito da realidade oculta na verdade forjada por interesses que não se tem conhecimento na difusão dos valores sociais, das noções de certo e errado etc.

É provável que, hoje, os mais correntes aportes teóricos para o tema da Ideologia sejam localizados na obra de Antônio Gramsci. Como é sabido por todos, sua reflexão se endereça a um conjunto de aspectos que a tradição de pensamento marxista pareceu não se ocupar, preterindo-os

para uma análise mais rigorosa de fenômenos econômicos. A reflexão gramscianiana é motivo de estudo, sobretudo, por aqueles que se interessam pelo registro “simbólico” da luta de classes de maneira que é usada como recurso para a crítica, por exemplo, das “práticas culturais” que organizam a vida social e que, evidentemente, ecoa no domínio da política. Da equação gramscianiana *consenso + coerção = hegemonia*, produto da diferenciação e totalização entre sociedade civil e sociedade política (Estado) gerada para dar conta do tema da organização/intervenção político-revolucionária em contextos históricos mais complexos que o russo (em que a estratégia bolchevique mostrou-se coerente porque exitosa na defesa de uma via explosiva, de uma tomada violenta do Estado etc), se identifica os Aparelhos Privados de Hegemonia: espaços, num sentido estritamente formal, autônomos em relação ao Estado que, no entanto, procedem de modo equivalente, conforme sua própria dinâmica interna e particularidade, também como momentos de domínio de *classe contra classe*. Os APH são esferas próprias da sociedade civil que, junto aos processos repressivos possíveis ao Estado (tanto, é claro, por deter o “monopólio da violência” quanto por, objetiva e materialmente, poder exercê-lo em escala incomparável a qualquer organização política revolucionária sem acesso a ele), garantem *poder social* a classe burguesa uma vez que geram ao mesmo tempo que recebem/ globalizam o ponto de vista da classe que detém os meios de produção. Enquanto a Polícia, o Exército, os Tribunais, por exemplo, etc (órgãos próprios da interioridade do Estado) são capazes de interditar objetivamente a insurreição antisistêmica, anulando fisicamente os insurgentes, a Escola, a Igreja, a Cultura, entre outros, podem esvaziar tal intenção antisistêmica antes que ela surja enquanto tal. De certa forma, pode-se dizer que, nestes termos, há alguma afinidade entre Gramsci e, no mínimo, certo uso feito dos trabalhos de Michel Foucault – afinal, o papel que “as instituições” (esferas do mundo social que não são fundadas em critérios de permanência legal, isto é, que existem, em síntese, por força dos costumes e hábitos adquiridos socialmente no mundo da cultura) realizam do ponto de vista da conservação do mundo tal qual ele é, tese fundamental subjacente à microfísica foucaultiana, papel semelhante. A mesma estrutura hipotética, apenas para citarmos mais um desenvolvimento conseqüente do ponto de partida materialista acerca da origem histórica e sociais das formas espirituais, se apresenta em Paulo Freire e em suas reflexões crítica às práticas pedagógicas quando, por exemplo, pondera que seria uma ingenuidade crer que as classes dominantes admitissem uma escola que dotasse os alunos, sobretudo das classes populares, de uma consciência crítica a respeito do mundo.

II. DESENVOLVIMENTO

No entanto, se consideremos o seguinte: e se os homens tiverem consciência do que há por trás das práticas sociais? Ou seja, caso os homens, por exemplo, saibam que o noticiário televisivo,

bem como sua programação, é determinado por “algo mais” ou, mais precisamente, por interesses comerciais, financeiros, econômicos? Será que na experiência cotidiana o “senso comum” *não compartilha* com o ponto “senso crítico” o mesmo *insight*, a saber, de que tudo aquilo que se diz ou existe socialmente (como norma, referência, padrão etc) é sempre dito e se impõe a partir de posições particulares? A questão, então, na verdade, é: havendo conhecimento ou esclarecimento haverá prática transformadora? É evidente que há uma relação de mútua determinação e reciprocidade, do ponto de vista do desenvolvimento histórico, entre as dimensões materiais e espirituais, de modo que é impossível supor a vida social somente em termos “concretos” porque supõe, por definição, pela própria forma das práticas humanas, algo de “simbólico” - e o contrário também, é lógico. No entanto, a relação que há entre estas duas dimensões inseparáveis da vida social, se considerado Marx e seu pensamento, precisa-a de um modo muito singular que, como é defende-se neste trabalho, não se assemelha tanto assim com as posições “críticas” correntes que o reivindicam. Um início possível para a retematização do problema da Ideologia enquanto procedimento de dominação de classe, baseada no ocultamento de interesses particulares que circulam socialmente como universais, é o próprio *Manifesto Comunista* (1848). Sumariamente, por força do próprio documento em suas intenções, Marx e Engels caracterizam e descrevem a moderna sociedade burguesa como aquela que, presidida e animada pelos imperativos do capital e sua dinâmica interna, como aquela que funda-se num impiedoso despertar, por assim dizer. Uma vez que os homens são colocados diante de um mundo onde todo “sentimentalismo” perde lugar.

“(…) Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas (…). Afogou os fervores sagrados da exaltação ideológica, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta (…). Em uma palavra, em lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despudorada e brutal (…).” (ENGELS & MARX, 2011, p.42)

De maneira que a experiência prática da dominação, na sociedade burguesa, seria vivida “sem ilusões”. No *Manifesto*, então, concluiu-se:

“(…) Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens (…).” (ENGELS & MARX, 2011, p.43)

Há certa distinção entre a modalidade de dominação emergida na sociedade burguesa. Nela os homens se comportam consigo mesmos, entre si e em sociedade de modo unicamente *social*. Isto é, nesta sociedade, em tudo o que isto implica, os homens são mediados por um vínculo estritamente *social* no sentido de que nas relações em que estão implicados não paira qualquer motivação mágica: os homens se comportam (em sua prática cotidiana) como se soubessem que todos os homens, bem como os vínculos que estabelecem entre si e aquilo que daí devem e se impõe, são socialmente determinados ou construídos. Ou seja, aos homens, pelo próprio metabolismo que anima a sociedade burguesa, está posto, por exemplo, que seu cotidiano não é

produto de alguma teleologia extraterrena - personificada na ideia de Deus, por exemplo. Tendo como pressuposto tal diagnóstico, por assim dizer, é interessante a conclusão que Slavoj Žižek chega.

“(…) o fetichismo da mercadoria ocorre nas sociedades capitalistas, mas, no capitalismo, as relações entre os homens decididamente não são ‘fetichizadas’; o que temos aqui são relações entre pessoas ‘livres’, cada qual seguindo seu próprio interesse egoísta (…)” (ŽIZEK, 2010, p. 309-310)

O importante aqui, no entanto, é apenas demarcar o seguinte: se admissível a exposição realizada, a associação possível entre Ideologia e Dominação é de certo modo mais complexa. A exploração dos trabalhadores, *gerenciada pela burguesia e presidida pelo capital*, não depende de algum “engano” por partes destes - a condição histórica de subordinação vivida, aqui, não é produto de alguma operação mental que os enfeite e artificialize seu nexos com a *realidade realmente existente*. Com Marx, portanto, já se sabe de maneira relativamente precisa então que a exploração dos trabalhadores não exige, do ponto de vista de sua superação, qualquer *esclarecimento* porque a realidade, pela primeira vez na História, se apresenta (na consciência dos homens) historicamente. A desnecessidade de tal procedimento, se voltarmos um pouco mais atrás na obra marxiana, se revela também quando se atenta para o fato de que apenas *ideologicamente* temos acesso ao mundo porque em todo ato prático na realidade, no que concerne, evidentemente, à prática humana, subjaz um tipo de possessão espiritual da mesma: a ideologia então não é um problema nem da sociedade burguesa, nem de formação *social* alguma enquanto tal. A crítica da Religião, feita por Marx, em seu materialismo sempre nos pareceu como modo de revelação do mundo por trás dos discursos religioso sobre o mundo. No entanto, trata-se de algo mais interessante que isto. Nos escritos sobre filosofia do direito hegeliana, vê-se o seguinte:

“(…) o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não se encontrou ainda ou voltou a se perder. Mas o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico (...) o seu entusiasmo, sua sanção moral, o seu complemento solene (...) É a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade (...)” (MARX, 2005, p.145).

Isto é, se por um lado é lícito dizer que a religião apresenta o homem, sob sua linguagem, de modo que o homem não se reconheça enquanto tal, por outro lado, assevera Marx que, o fato da religião apresentar o homem sob uma mediação (lingüística, mística, ideológica etc) própria não pode significar que sem tal (equivocada) mediação do homem para consigo se chega a uma relação interna imediata, por assim dizer¹. A ideia de *transparência*, na relação homem-realidade, portanto, não participa da posição crítica marxiana sobre as formas da consciência surgidas durante o

¹ “(...) Não temos acesso ao mundo senão mediado por uma cultura, linguagem, esquema conceitual etc., nossas ideias sobre o mundo jamais serão elaboradas tendo, de um lado, o mundo e, de outro, nossas ideias (...)” (DUAYER, 2010, p. 11).

desenvolvimento das relações sociais. A crítica da Ideologia, desse modo, precisa extrair algo do fato de que, de maneira relativamente explícita, não significou em Marx uma forma de *esclarecimento* porque, pode-se dizer com alguma precisão, trata-se de uma ideia que só faz sentido se balizada num projeto de desvelamento ideológico. Por isso, com *Dialética do Esclarecimento* (1947), de Adorno e Horkheimer, temos de início o seguinte:

“(…) No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber (…)” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p.17)

No entanto, não é exatamente aqui que a crítica ideológica contemporânea encontra seus termos para se apresentar como condição do engajamento político hoje? Não seria exatamente na ideia de *saber*, enquanto antítese do *imaginar*, ou seja, do esclarecimento em contraposição a ilusão, que a crítica ideológica faz-se operante? A “imaginação”, atributo de uma consciência mistificada, ao ser exposta em sua própria ilusão, se “esclarece” e, por “saber”, toma “conhecimento da realidade”, tornando-se capaz de intervir nela. Com esta ou aquela adaptação, de fato, trata-se de um enunciado comum às práticas políticas que são identificadas como esquerda e que se identificam por esquerda. Pelo fato de estarem em dia com a tese, evidentemente correta, de que

“(…) As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante (…) Os indivíduos que compõem a classe dominante, possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias (…)” (ENGELS & MARX, 2009, p.47)

O que pode isto significar? Bem, se aceitarmos, como é afirmado no *Manifesto*, de que a luta de classes e os modos de dominação que se expressam na sociedade burguesa não guardam analogia alguma com os observados na forma societária que lhe precedeu – tendo na “mistificação” das relações sociais um momento estrutural central para sua existência – e, ao mesmo tempo, como problematizado no interior dos estudos da Escola de Frankfurt, de que o *desocultamento* não é aquilo que qualifica propriamente a modalidade crítica que o materialismo de Marx porta, talvez por “ideia dominante” possa se considerar um tipo de “visão de mundo” que predomina *socialmente* e da qual, mesmo as classes dominantes, estão igualmente determinadas. Trata-se de uma abordagem razoável na medida em que não é possível considerar, em se tratando da crítica marxiana, que na luta de classes, a posição da classe burguesa é não apenas “privilegiada”, em relação a classe trabalhadora, como também “externa” à própria luta de classes como se a *operasse* (extrinsecamente), como uma espécie de autoconsciência que dirige a história coextensivamente às suas finalidades e interesses, por definição, alheios a ela. Nas relações sociais burguesa, cujo fundamento devém do modo de produção capitalista, os indivíduos, em sua genericidade, se

articulam *socialmente* tendo como pressuposto a referida sociedade². Quando diz “Eles não sabem, mas o fazem” (MARX, 2013, p.149), porque se afirmou que “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos” (MARX, 2010, p.21), autoriza-se ponderar-se o seguinte:

“(…) os capitalistas, como todos os demais, talvez lutem para promover sua própria geografia histórica, mas também como todos os demais, não fazem isso sob circunstâncias históricas e geográficas de sua própria escolha individual, mesmo quando desempenham um papel coletivo importante e mesmo determinante ao moldar aquelas circunstâncias (...)” (HARVEY, 2005, p.165)

O que reforça a possibilidade, na perspectiva deste trabalho, de que as “ideias dominantes” operam como operam não apenas para as “classes dominadas” mas também para as “dominadoras”, por assim dizer. Porque, em última instância, a relação entre as expressões ideais com as relações de produção são sempre sociais, mas (por isso mesmo) nem sempre (no mínimo, unilateral e manipulatoriamente) *ideadas*. Ou seja, são formas ou manifestações ideológicas oriundas das relações de produção gerenciadas por uma classe, que apesar de tal gerência (monopólio dos meios de produção), não poderiam ideologicamente idearem-nas – pois, uma vez mais, deveríamos admitir a absurda hipótese de que a concepção de mundo burguesa é isenta de uma concepção de mundo porque está *fora* do mundo. Dessa forma, podemos admitir o seguinte, de início: o fato de que ideias são determinadas socialmente é um fato que enquanto fato não pode servir como fundamento, por si, como crítica destas ou daquelas ideias de modo que o caráter farsesco delas não pode ser sobreposto sob a ausência de sua *determinação* – no limite, trata-se de que, do ponto de vista histórico, a verdade só pode ser alcançada por meio de uma parcialidade fundamental na medida em que não existem ideias (falsas ou verdadeiras) para além do espectro das ideias construídas socialmente por meio das quais inferimos sua falsidade ou veracidade.

Já podemos intuir como o procedimento do desocultamento enquanto medida da crítica ideológica, compreendido pela ciência, demarcação e revelação dos aspectos sociais contidos (premeditadamente ou não) de uma ideia com capacidade de circulação social, não consiste num procedimento distintivo daquilo que é proposto pelo materialismo dialético na medida em que, simplesmente, não existem ideias não sociais - cumpram funções ou não *políticas*, no sentido de forjarem práticas sociais, finalisticamente estabelecidas com vista a este ou aquele interesse.

“(…) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (...)” (FOUCAULT, 1999, p.8-9)

² “(...) A dependência recíproca e multilateral dos indivíduos mutuamente indiferentes forma sua conexão social, Essa conexão social é expressa no valor de troca, e somente nele a atividade própria ou o produto de cada indivíduo devêm uma atividade (...)” (MARX, 2011, p.105).

Tal suposição não apenas pode ser considerada razoável como justa. Pode-se dizer, configura um tipo de abstração absolutamente capaz de dar conta do lugar da emergência das “práticas simbólicas” bem como de suas legalidades internas (suas estruturas), além da relação que estabelecem com a realidade - incluindo a admissão da possibilidade desta ser também um produto delas. A ideia de que um discurso exige, para sua efetividade, certa ordenação do mundo que implica, por sua vez, dada sua efetividade mesma, a impenetração de “outros discursos” que subvertam a lógica interna da “realidade pensada” do discurso hegemônico é partilhada por muitos (senão todos) segmentos político-sociais comprometidos com a crítica ideológica. No entanto, posta a correção da tese, que em forma e em conteúdo, de maneira diversa e variada, anima as lutas sociais, principalmente do ponto de vista da disputa (política, ideológica etc) das concepções de mundo, talvez haja algo de mais fundamental hoje se considerarmos, por assim dizer, a anatomia dos “discursos hegemônicos”. Isto é, guardada a validade da “crítica tradicional” da ideologia, pensada como reconhecimento da gênese social das ideias e do fato de emergirem enquanto pontos de vista acerca do mundo, além de assumirem (em relação a ele), em última instância, certo compromisso de conservação que subordina mesmo aqueles que a portam, talvez devesse se considerar o quão, na realidade, esta correção pode ser pensada inclusive em seu êxito global: é relativamente de domínio comum a percepção de que todo discurso (informação, ideia, valor etc) é difusor de uma visão de mundo particular. Queremos dizer o seguinte: quanto à crítica ideológica, em suas coordenadas hegemônicas, a distinção entre “senso comum” e “senso crítico” (uma nomenclatura, sem dúvida, um tanto antiquada) é quase indiscernível na medida em que todo indivíduo, espontaneamente, é um crítico da ideologia. Não são poucos hoje que, em sua experiência cotidiana, estão relativamente sensíveis à suposição foucaultiana, por assim dizer. Em verdade, boa parte da vida social contemporânea se desenvolve pressupondo de maneira mais ou menos consciente, com maior ou menos conseqüência, que aquilo que é transmitido à sociedade, por exemplo, pelos (ainda) principais instrumentos de comunicação existentes pertence sempre a uma lógica de interesses privados e inconfessos. Pode parecer uma inferência exagerada, mas dos 22,2% de brasileiros que se declararam no censo de 2010 “evangélicos”³, boa parte deve ter conhecimento da *Folha Universal* (mantida pela Igreja Universal do Reino de Deus pela liderança pastoral do Bispo Edir Macedo), jornal gratuito e de indiscriminada distribuição, cuja premissa imanente (atuante em todas suas seções internas e presente em todos os assuntos abordados que, inclusive, extrapolam e muito os temas religiosos propriamente) é de que os meios de comunicação hegemônicos fazem sua pauta, organização suas publicações, veiculam informações etc sempre sob o primado dos interesses de seus donos - daí o fato de, os “crentes”, na qualidade de coletividade organizada e orientada por uma mesma finalidade, manterem seu próprio instrumento de

³ Ver em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>. Consultado em 22 de setembro de 2013.

comunicação (com funções pedagógicas bem estabelecidas, formador de uma consciência qualitativamente distinta daquela que emerge em sua ausência etc). No Brasil, em 2007, entre 14 países que tiveram suas populações consultadas, segundo pesquisa encomendada pela BBC, registrava-se o maior nível de preocupação em relação ao “monopólio dos meios de comunicação”⁴. Então, é relativamente de domínio geral que:

“(...) Imprensa privada (isto é, fundada na propriedade privada, na empresa privada) como sinônimo de imprensa livre é uma contradição nos termos. Imprensa centrada na empresa privada significa a subordinação do jornalismo a critérios de empresa – lucro, custo-benefício, etc. . etc., a ser financiado por um dos agentes sociais mais importantes – as grandes empresas. O que faz com que a chamada imprensa “livre” seja, ao contrário, uma imprensa caudatária dos setores mais ricos da sociedade, presa a seus interesses, de rabo preso com as elites dominantes. A chamada imprensa “livre” representa os interesses do mercado, dos setores que anunciam nos veículos produzidos por essas empresas, que são mercadorias, que transformam as notícias e as colunas que publicam em mercadorias, que são compradas e vendidas, como toda mercadoria. (...)” (SADER, 2009)⁵

Ao mesmo tempo, no que tange ao entretenimento, que acompanha não só à “grande mídia” como também a crítica que dela se faz, são relativamente muitos os exemplos em que, para ficarmos neste circuito midiático, que expressam e dão corpo a ideia, com maior materialidade e objetividade (social), de que existem “interesses ocultos” que determinam aquilo que vemos e ouvimos ou o que é decidido em nome da “vontade das pessoas”, que o que acessamos, em verdade, é apenas “aquilo que interessa a eles” etc. Em *Tower Heist* (2011), “Roubo nas Alturas” no Brasil, filme de Brett Ratner, com humor conta a história de trabalhadores de um hotel de luxo em Nova Iorque que tiveram suas economias perdidas por seu patrão que, alegando aplicá-las em investimentos para um melhor proveito financeiro delas, perde-as numa jogada especulativa fraudulenta que culmina em sua prisão, no suicídio de um antigo funcionário que estava prestes a se aposentar e, sendo o ápice do filme, a compreensão dos trabalhadores do hotel que perderam tudo e que encontram na organização e na solidariedade condições para reaverem aquilo que lhes foi roubado pela irresponsabilidade dos tubarões de *Wall Street* - filme *mainstream* com os astros hollywoodianos Ben Stiller e Eddie Murphy. Em *O Desinformante* (2009), no original *The Informant!*, de Steven Soderbergh, diretor de grandes sucessos de público, tem Matt Damon como um alto executivo que, em meio ao enredo marcado por humor e ação, torna-se peça fundamental para uma investigação secreta do FBI que comprova a atuação ilegal de empresas na fixação de preços no mercado de determinados produtos. Com *Syriana* (2005) e *Argo* (2012), superestrelados por George Clooney e

⁴ “(...) Os brasileiros se mostram os mais preocupados com a concentração dos meios de comunicação nas mãos de um “pequeno número de grandes empresas do setor privado”, revelou uma pesquisa de opinião sobre liberdade de imprensa feita em 14 países (...)”. Ver em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/12/071207_brasilimprensa_fp.shtml. Consultado em 22 de setembro de 2013.

⁵Ver em: http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=366. Consultado em 22 de setembro de 2013.

Ben Affleck, respectivamente, filmes de grande repercussão popular e êxito de público, sabemos como interesses econômicos, articulados subterraneamente por diversos setores das nações capitalistas ocidentais (dos meios de comunicação até o poder político oficial), em conluio global, atuam enquanto forças desestabilizadoras, opressoras e manipuladoras no Oriente Médio. Artistas *pop*, tão distintos como os *rappers* Eminem e Kanye West, em seus clipes e álbuns trazem à tona o modo como as grandes corporações pautam a cultura e como o culto das celebridades empobrece a consciência crítica dos indivíduos... Os exemplos são intermináveis e com eles, se decidirmos, pode-se chegar a conclusão absolutamente estranha de que o principal crítico do Poder é o Poder já que as ideias que dominam a cabeça da sociedade são as de que existe alguém que não se revela e que, ocupando nossas cabeças, quer dominar a cada um de nós. Qual seria então a efetividade da crítica da ideologia quando, hoje, os próprios meios difusores da ideologia formulam e disseminam a tese de que existem interesses ocultos por trás daquilo que se (supõe) ter conhecimento?

III. CONCLUSÃO

O filósofo Vladimir Safatle em *Cinismo e Falência da Crítica* (2008) sugere ser Hegel o primeiro a entender a modernização das relações sociais em relação, evidentemente, com as tradicionais, em toda sua extensão⁶. Sendo, por força de tal processo, a erosão das normas e condutas vigentes um produto da emergência e desenvolvimento, por assim dizer, de práticas sociais referenciadas pela *ironia* - a ironização, nesse sentido, como índice social daquilo que vêm junto à modernidade, geraria uma complexa relação entre “normas” e “subordinação” na vida em sociedade. A *ironização das condutas* é uma figura que possibilita ao sujeito o reconhecimento do caráter, fundamentalmente, não essencial (relativo) das coisas de modo que a crítica destas passa ser uma possibilidade dado que, por meio de tal ironia, sejam desnaturalizadas (criticadas). Retomando o trabalho *Crítica da razão cínica* (1983) de Peter Sloterdijk, lembra:

“(...) Conhecemos todos essa temática da alienação da falsa consciência no domínio das relações reificadas e da aparência socialmente necessária. Alienação que indicaria, entre outras coisas, a incapacidade de compreensão da totalidade das estruturas causais historicamente determinadas que suportam a reprodução das relações sociais em todas as suas esferas de valores (...)” (SAFATLE, 2011, p.68)

Refutando a globalidade de tal formulação, por meio de um Hegel que Marx ao afirmar o caráter (social) “não ilusório” da vida burguesa, Safatle acompanha num sentido fundamental algo que está posto nas reflexões de Slavoj Zizek: o cinismo deve ser pensado como o modelo

⁶ “(...) Hegel foi o primeiro a compreender que a modernidade, por sua força de erosão de formas tradicionais de vida, podia abrir espaço para a indeterminação e para o esvaziamento de toda substancialidade normativa do social (...) Para Hegel, a ironia não era um mero tropo retórico, mas forma ligada aos impasses da individualidade romântica e resultante de distorções de autonomia, autenticidade e desencantamento próprios à razão moderna (...)” (SAFATLE, 2011, p.16).

contemporâneo, enquanto estrutura fundamental, daquilo que pode ser considerado como Ideologia. Segundo Zizek, sobre o tema da Ideologia temos basicamente o seguinte:

“(...) o desconhecimento de seus pressupostos, de suas condições efetivas, a distância, nossa falsa consciência dela. É por isso que tal ‘consciência ingênua’ pode ser submetida a um processo crítico-ideológico. A meta desse processo é levar a consciência ideológica ingênua a um ponto em que ela possa reconhecer suas próprias condições efetivas (...) Nas versões mais sofisticadas das críticas da ideologia - como a desenvolvida pela Escola de Frankfurt, por exemplo -, não se trata apenas de ver as coisas (isto é, a realidade social) como ‘realmente são’ (...) A máscara não esconde simplesmente o verdadeiro estado de coisas; a distorção ideológica está inscrita em sua própria essência (...)” (ZIZEK, 2010, p.312)

Zizek então expõe que posta a ingenuidade da metáfora do desmascaramento ideológico, o que temos hoje, conforme identificou e concluiu Sloterdijk, é um tipo de razão cínica em que o “eles não sabem, mas o fazem” deveria ser repostado para “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem” de modo que estaríamos diante de uma “falsa consciência esclarecida”⁷. O filósofo esloveno acrescenta que, pressupondo o cinismo como forma de ideologia, deveria-se seguir uma espécie de distinção entre *kynicism* e *cynicism* - em que o primeiro representa aquela forma de ironização que guarda uma espécie de compromisso necessário com “os de baixo”, a “plebe”, a “classe trabalhadora”, onde a ideologia oficial (as “ideias dominantes”) é exposta ao seu próprio ridículo de maneira a instituir, por meio do sarcasmo, uma potência subversiva. Para ele, no entanto, o segundo termo, ou seja, *cynicism* significa:

“(...) a resposta da cultura dominante a essa subversão cínica [*kynical*]: ele reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade - o modelo da sabedoria cínica é conceber a probidade e a integridade como uma forma suprema de depravação, e a verdade como a forma mais eficaz da mentira (...)” (ZIZEK, 2010, p.313)

A posição aqui é: o esclarecimento (constitutivamente), *nesta sociedade*, é força movente da conservação das coisas, de maneira que hoje estamos espontaneamente a par com o que existe no mundo, do ponto de vista político e econômico, em nossa experiência cotidiana com a realidade sem que se altere seu estado. Se é verdade que *saber* é condição para uma ação, prática e/ ou teórica, é igualmente efetivo que as estruturas do mundo operam sob procedimentos de esclarecimento (em diversos níveis) e que, com eles, ainda assim, vivemos sob um regime de dominação social – presidido pelo capital, gerenciado pela burguesia (quaisquer que sejam seus nomes hoje). Com isso, é como se o problema na sociedade erigida pelo comando do capital não

⁷ “(...) O sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara (...) A razão cínica já não é mais ingênua, mas é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia a ela (...)” (ZIZEK, 2010, p.313).

fosse “a mentira” que (supostamente) aciona, mas, ao invés disso, a *excessiva verdade histórica* que demanda – uma tese desarmante, sem dúvida, se observado o índice ideopolítico que organiza a prática militante hoje. Esclarecimento e conservação, à luz da crítica ideológica, quando acrescida do conceito de Cinismo, são perfeitamente compatíveis. O que, em verdade, não deveria ser um problema aos que reivindicam o materialismo fundado por Marx e Engels – dado que este afirma-se e é afirmando em oposição ao idealismo (preferencialmente) alemão que, contém ou, segundo Marx e Engels, conteria como parte incontornável de seu programa político-filosófico a centralidade e o protagonismo da Consciência (livre de mistificações e, neste termos, desalienada) no que se refere à transformação do mundo. Diríamos então que boa parte do programa implícito, contido na ação política hoje, ciente e/ ou não ciente de tal “programa”, ao reivindicar o marxismo, com vista a uma análise concreta de uma ação concreta para uma prática transformadora concreta, no limite, opera conteúdos presentes na ação política da esquerda hegeliana – tão criticada por Marx e Engels – porque, admitido o materialismo histórico-dialético, sabe-se que a “libertação é um ato histórico e não um ato do pensamento” (ENGELS & MARX, 2009, p.29).

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Marxismo e Política: a dualidade de poderes e outros ensaios**. São Paulo, Cortez, 1996.

DUAYER, Mário. **Relativismo, certeza e conformismo: para uma crítica das filosofias da perenidade do capital**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n-27: 58-83.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã: a crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo, Boitempo, 2009.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. São Paulo, Boitempo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, LOYOLA, 1999.

HARVEY, David. **Do administrativismo ao empreendedorismo**. In: **A produção capitalista do espaço**. São Paulo, Annablume, 2005.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo, Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo, Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo, Boitempo, 2013.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e Falência da Crítica**. São Paulo, Boitempo, 2011.

ZIZEK, Slavoj. **Como Marx inventou o sintoma?**. In: ZIZEK, Slavoj (org). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro, 2010, Contraponto.